

Revista Científica



COSMOS ESPÍRITA

Nº 53 – ANO 5 – Maio / 2022

EDUCAÇÃO

Apontamentos de

H. L. D. Rivail

(Allan Kardec)

COSMOS ESPÍRITA

Revista Científica

De estudo das
inteligências e seus
fenômenos: As
relações entre o
Mundo Invisível e o
Mundo Material, suas
causas e
consequências



Organização Espírita para o Ensino e Pesquisa

Charles Antonio Kieling

Sócio-Administrador

(51) 998.908.980

www.oEEP.com.br

contato@oEEP.com.br

Av. Protásio Alves, 5381

Porto Alegre – RS

Capa/Fonte da imagem: <https://blog.clubecandeias.com/biblioteca-nacional-rio-de-janeiro/>

QUEM SOMOS

A Organização Espírita para o Ensino e Pesquisa é uma empresa privada e sem caráter político-partidário que visa ensinar, pesquisar, dar assistência e esclarecer.

MISSÃO

Ensinar, esclarecer e pesquisar em benefício do desenvolvimento e respeito à vida.

VALORES

Consciência Plena

Empatia

Comprometimento com os Espíritos Superiores

Compromisso com o Desenvolvimento e com a Paz

Compromisso com a Ciência, Filosofia, Religião, Arte, Tecnologia e Amor ao Próximo

Estudo Permanente com Fé Raciocinada

Comprometimento com a Ética, a Moral e a Caridade

Compromisso com o Desprendimento Material

OBJETIVO

Com base na Ciência Espírita e sob a inspiração dos Espíritos Superiores, nosso objetivo é o Desenvolvimento da Humanidade pelo ensino, pelo esclarecimento, pela assistência, pela pesquisa e por ações de engajamento com os conhecimentos humanos.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer meios ou processos, sem autorização escrita da OEEP.

DESEDUCAÇÃO

Para quem lê o trabalho de Rivail, o Allan Kardec, ou seja, o “Plano Proposto para a Melhoria da Educação Pública”, publicado em 1828, e já quase completando 200 anos, percebe a contemporaneidade dos apontamentos sobre Educação, Ensino, Escola, formação, aprendizagem, professor e Pedagogia. A reflexão ali exposta é similar aos contextos atuais no processo de ensino-aprendizado praticados em todos os níveis do Ensino (do Fundamental ao Superior).

Na essência, o texto de Rivail aponta como preocupação o desenvolvimento do Espírito; sim, Espírito! E lembre-se que o autor irá aprofundar a ideia de Espírito e estabelecer uma Ciência no assunto após 30 anos. Nesse mesmo sentido, outros conceitos essenciais do Espiritismo abordado por Rivail, o Allan Kardec, são: Moral, Progresso, Virtude, Verdade, Responsabilidade, Maternidade, Paternidade, Vícios, Desenvolvimento.

Rivail faz uma reflexão sobre a condição dos pais em serem os responsáveis pelos primeiros ensinamentos dados aos filhos. Todavia, reconhece que os mesmos não são detentores da Ciência em Educar e que são necessários profissionais preparados para realizar o ensino-aprendizado. Reconhece, ainda, a falta de Método, ou o desconhecimento dos Métodos, por muitos que assumiram a profissão de Professor, e que isso se tornou um grave problema na formação das crianças. Interessante tal diagnóstico – o de pessoas ensinando sem terem formação pedagógica e desconhecimento dos Métodos – pois o mesmo repercute ainda.

É fato! Allan Kardec é atual!

Boa leitura!

Prof. Me. Charles A. Kieling
Sócio-Administrador

EDUCAÇÃO

APONTAMENTOS DE

H. L. D. RIVAIL (ALLAN KARDEC)

O texto corresponde a uma parte do “Plano Proposto para a Melhoria da Educação Pública” redigido por H. L. D. RIVAIL, o Allan Kardec, e publicado em Paris em 1828. Seus apontamentos, produzidos a quase 200 anos, servem para a atualidade.

Charles A. Kieling

Plano Proposto para a Melhoria da Educação Pública

Por H. L. D. RIVAIL – Allan Kardec

Paris, 1828

Todo mundo fala da importância da Educação, mas, para a maioria, esta palavra tem um significado extremamente vago, porque poucas pessoas chegaram a fazer uma ideia precisa de tudo o que ela abarca. Ela é vista geralmente apenas no sistema de estudos e este erro é uma das principais causas do pouco progresso que a Educação realizou. Uma outra causa desse atraso prende-se a um preconceito geralmente aceito contra tudo o que

se liga a esta profissão, o que afasta grande número de homens que, por seu mérito, poderiam contribuir para o seu progresso.

A Educação é a arte de formar os homens, isto é, a arte de fazer eclodir neles os princípios da virtude e abafar os do vício; de desenvolver sua inteligência e de lhes dar instrução própria às suas necessidades; enfim de formar o corpo e de lhes dar força e saúde. Numa palavra, a meta da Educação consiste no desenvolvimento simultâneo das faculdades morais, físicas e intelectuais. Eis o que todos repetem, mas não se pratica. É preciso procurar a causa primeira disso na ignorância em que se está sobre os meios próprios a se operar esse desenvolvimento. Tornar-se-á alguém em médico ensinando-lhe que ele deve curar seus doentes? Assim, pode alguém se gabar de estar apto a formar os homens, se sabe apenas formar o coração, o espírito e o corpo e ignora os meios de alcançar isso? Nisso, como em todas as outras coisas, não basta conhecer o objetivo a ser atingido, é preciso ainda conhecer perfeitamente o caminho que se deve percorrer. O sistema atual pode nos conduzir até lá? Quais são os obstáculos que se opõem a isso? Quais são os meios de remediá-los? Tais são as três questões de que vou tratar sucintamente, procurando demonstrar que a relação entre os três elementos constitutivos da Educação é tão íntima que não se pode esperar verdadeiros progressos nesse mister, que quando se tiver compreendido a necessidade de se fazê-los andar perfeitamente ao mesmo tempo. Creio dever apresentar de início algumas observações sobre o conjunto da Educação, a fim de melhor fazer compreender a necessidade das medidas que proponho adotar e que desenvolverei logo adiante.

A fonte das qualidades morais se acha nas impressões que a criança recebe desde o seu nascimento, talvez mesmo antes, e que podem agir com mais ou menos energia sobre o seu espírito, para o bem ou para o mal. Tudo o que ela vê, tudo o que ela ouve, a faz experimentar impressões. Ora, assim como a Educação intelectual consiste na soma das ideias adquiridas, a Educação moral é o resultado de todas as impressões recebidas. Cada objeto, que a criança vê, lhe dá uma ideia, e cada palavra, que ela escuta ou cada ação de que ela é objeto ou testemunha, a faz experimentar uma impressão; a mesma impressão, mantida durante um certo tempo e frequentemente repetida, a faz contrair um hábito. Ora, como se sabe, o hábito é uma segunda natureza que nos leva, malgrado nosso, a fazer uma coisa, o mais frequentemente sem que nossa vontade participe disso; daí as chamadas inclinações, que são apenas hábitos inveterados, quando não estejam ligadas ao nosso temperamento, como a cólera, a vivacidade, a lentidão e outras tendências desta

natureza. Ninguém duvida da influência de certos hábitos sobre a constituição animal: tais são aqueles que os fazem contrair movimentos involuntários ou posturas de que não se podem livrar. Estes hábitos acabam por se tornar indestrutíveis, porque os órgãos adquiriram uma certa firmeza na posição que se lhes deixou tomar e se tornaram verdadeiramente endurecidos. Se todos os hábitos não têm efeitos exteriores tão perceptíveis como esses, eles não têm menor efeito interno e dão a um indivíduo um tal ou qual impulso, por assim dizer involuntário, ao qual ele não pode resistir, e que se manifesta para fora por palavras e por ações.

Há hábitos de três naturezas diferentes: são eles Físicos, Intelectuais ou Morais. Os primeiros são os que modificam mais particularmente nossa constituição animal; os segundos consistem na posse mais ou menos perfeita de uma ciência. Assim, por exemplo, aquele que está muito familiarizado com uma língua, a fala sem esforço e sem pensar; aquele que possui perfeitamente a matemática, faz seus cálculos sem dificuldades: é isto que se pode chamar ter o hábito de uma ciência; e, diga-se de passagem, é a aquisição do hábito, que se negligencia, no método comum; limita-se geralmente a uma teoria muito fugidia, que apenas roça o Espírito. Por fim, os hábitos Morais são aqueles que nos levam, malgrado nosso, a fazer qualquer coisa de bom ou de mau. A fonte desses últimos hábitos se acha, dissemos nós, nas impressões longamente ressentidas ou percebidas na infância. Concebe-se, assim, o quanto importa evitar cuidadosamente tudo o que possa fazer a criança experimentar impressões perigosas; mas não encaro apenas como más impressões, o exemplo do vício, os maus conselhos ou as conversações pouco adequadas; ninguém duvida dos funestos efeitos de semelhantes modelos e não há mãe de família que não coloque todos os seus cuidados em evitá-los; mas há um grande número de outras, minúcias em aparência, e que não deixam de exercer uma influência frequentemente mais perniciosa que o feio espetáculo do vício, de que se pode mesmo às vezes tirar partido para se fazer conceber o seu horror; quero sobretudo falar daquelas que a criança recebe diretamente nas suas relações com as pessoas que a cercam, que, sem lhe dar nem maus exemplos nem maus conselhos, dão porém nascimento a vícios muito graves, como os pais, por sua fraqueza ou os mestres por uma rigidez mal entendida ou quando se toma pouco cuidado em apropriar a sua conduta ao caráter da criança quando se cede, por exemplo, às suas importunações, quando se tolera seus defeitos sob vãos pretextos, quando se submete aos seus caprichos, quando se lhe deixa perceber que se é vítima de suas artimanhas, quando não se sabe o móvel que a faz agir, e que assim se toma defeitos

ou origens de vícios por qualidades, o que acontece frequentemente aos pais; quando não se leva em consideração as circunstâncias sutis que podem modificar tal ou qual ação da criança, quando sobretudo não se leva em conta as nuances de caráter, faz-se que ela experimente impressões que são frequentemente a fonte de vícios muito graves. Um sorriso, quando seria preciso ser sério; uma fraqueza quando seria preciso ser firme; a severidade quando seria preciso a doçura; uma palavra sem pensar, uns nada, enfim, bastam às vezes para produzir uma impressão indelével e para fazer germinar um vício. Que se passará então quando essas impressões forem ressentidas desde o berço, e frequentemente durante toda a infância? Nesse aspecto, o sistema de punições é uma das partes mais importantes a serem consideradas na educação; pois elas são comumente a fonte da maior parte de defeitos e vícios. Frequentemente muito severas ou infligidas com parcialidade e num momento de mau humor, elas irritam as crianças em vez de convencê-las. Quantas artimanhas, quantos meios de desvio, quantas fraudes não as empregam para as evitar! É assim que se joga nelas as sementes da má fé e da hipocrisia e este é muitas vezes o único resultado que se obtém. A criança irritada, e não persuadida, se submete somente à força; nada lhe prova que ela agiu mal; ela sabe apenas que não agiu conforme a vontade do mestre; e esta vontade ele a considera, não como justa e razoável, mas como um capricho e uma tirania; ela se acredita sempre submetida ao arbítrio. Como se faz com que ela sinta comumente mais a superioridade física do que a superioridade moral, ela espera com impaciência ter ela própria bastante força para se subtrair a isso; daí este Espírito hostil que reina entre os mestres e os seus alunos. Não há entre eles nenhuma confiança recíproca, nenhum apego; há ao contrário uma troca contínua de ardis; leva a melhor quem é bastante esperto para surpreender o outro e sabe-se já quem ganha o mais frequentemente. São dois partidos que, quando não estão em guerra aberta, estão continuamente desconfiando um do outro. Como é possível fazer uma boa educação em semelhante estado de coisas?

Coloca-se frequentemente muito zelo, muita arte até, e muitas vezes, posso dizer, até um refinamento de maldade, na busca de punições que possam ser mais sensíveis. Não digo que isto seja um erro, mas o cúmulo do absurdo e da ignorância. O quê? Quereis fazer amar o trabalho e a virtude e é na ponta de uma vara que vós os apresentais? Vós, que deveis captar o apego e a confiança de vossos alunos, que deveis ser deles segundos pais, é com o ar pedante e carrancudo e armados de palmatória e martelo que ides lhes dizer: Tende confiança em mim, amo-vos como filhos; não temais confessar vossas falhas,

é para o vosso bem que quero corrigi-las? Vós que deveis lhes inspirar nobres sentimentos, imprimis sobre sua jovem frente o ferrete reservado ao crime! E por quê? Por ter feito mal um tema ou uma versão. E é assim que se quer inspirar às crianças a bondade e a doçura; é quando se lhes dá o próprio exemplo de paixão, cólera e maldade, que se quer fazê-la amar o Trabalho e a Virtude! Este sistema bárbaro diminui a cada dia; mas ele existe ainda para a vergonha da Educação. Aliás, não se veem todos os dias, educadores perderem as estribeiras, para maltratarem eles próprios seus alunos, ainda que reprovem o sistema da palmatória? Acharia mesmo que este último seria preferível, se tivesse de escolher; pois, nesse caso, o educador emprega o único meio que conhece; segue o costume, porque sua ignorância não lhe permitiu conhecer melhores; ele se serve dele muitas vezes sem cólera; mas o outro é o resultado da impaciência, da brutalidade, da exaltação e, algumas vezes, do ódio.

Os outros meios empregados geralmente não são mais eficazes, e embora não tão viciosos, não têm consequências menos funestas. É costume, por exemplo, punir as crianças com castigos, isto é, para fazê-las amar o Trabalho, dás-lhes o Trabalho como punição; é como se quisessem fazê-las amar as varas. São preguiçosas, castigos; são mentirosas, castigos; são muito vivas, castigos; são muito moles, mais castigos e sempre castigos. É a panaceia universal para todas as doenças Morais. Este gênero de punições não tem somente o inconveniente de fazê-las desgostar do Trabalho e de habituá-las a fazê-lo mal; mas quando uma criança está sobrecarregada por uma ocupação, para a qual muitas vezes não se calculou bem, nem o tempo, nem a possibilidade de execução, ela se vê naturalmente levada a fazer uso de mil meios fraudulentos para enganar a boa-fé do Mestre; meios que frequentemente dão certo. Eis pois uma fonte de má fé, de fraudes, de hipocrisia da qual ela bebe durante quase todo o decorrer de seus estudos clássicos. Nunca terminaria, se quisesse enumerar todos os gêneros de punições e desenvolver as lamentáveis consequências de sua má aplicação; mas citarei ainda uma que faz parte, em muito, dos costumes domésticos e que prova o quão pouco se reflete sobre os meios empregados. É comum punir as crianças pela privação de algumas guloseimas, privação essa a que elas são muito sensíveis; ou então quer-se obter delas alguma coisa e um bolo ou bombons são estimulantes, objeto de sua cobiça. Não é evidente que isto é lhes dar uma verdadeira lição de gula, lição de que elas se aproveitarão tão bem, que depois o adulto será talvez obrigado a puni-las por um defeito de que foi a própria causa? Citei estes exemplos; mas tanto na Educação pública, quanto na Educação privada, há milhares de

circunstâncias em que não se reflete e que são a fonte de impressões funestas, que engendram a maior parte de defeitos e vícios; impressões que são sempre o resultado da maneira de ser e de agir em relação às crianças.

Que deve, pois, fazer o Educador? Ele deve velar com a maior atenção por tudo o que possa fazer qualquer impressão sobre elas; por sua experiência e por sua perspicácia, deve poder calcular seus efeitos; deve dirigir as circunstâncias. Não deve esquecer que uma mínima palavra, uma mínima ação, o tom que ele usa nesta ou naquela ocasião, a própria expressão de sua fisionomia, a maneira pela qual uma punição é aplicada ou uma recompensa é dada, a natureza dessa punição e as circunstâncias que a acompanham, as cenas de que uma criança é testemunha, a energia ou a fraqueza que se mostra a seu respeito; ele não deve esquecer, digo eu, que todas essas circunstâncias provocam impressões frequentemente muito profundas.

Em muitos casos, é melhor não punir; uma simples observação amistosa, uma advertência feita com doçura ou com energia segundo as circunstâncias, até um olhar, fazem mais efeito que uma punição. Isso depende do caráter da criança, de sua idade, das circunstâncias que podem tornar o meio que se emprega mais ou menos enérgico, e de mil outras causas impossíveis de serem definidas, mas que, por seu tato, o educador experimentado deve apreciar, calcular e prever.

Como a mãe é a primeira educadora de seus filhos, como é ela que recebe os primeiros sinais de sua inteligência, que responde aos seus primeiros pedidos, que satisfaz às suas primeiras necessidades, a ela pertence a condução das primeiras impressões. Orientando-as erroneamente, seja por uma ternura mal-entendida ou por ignorância, ela prepara comumente as penas daqueles que ela encarrega em seguida de corrigir seus erros, e que frequentemente não podem conseguir isso com a melhor vontade do mundo, ou porque não sejam convenientemente secundados e se destrói de um lado o que eles fazem do outro, ou porque os defeitos estejam por demais enraizados.

Mas, dir-se-á, deve-se jogar todo o mal na conta dos pais e dos educadores? Não contais em nada esses vícios que as crianças parecem trazer de nascença? Esses caracteres de tal forma viciosos que parecem ter nascido para ser flagelo da sociedade e com os quais todos os cuidados possíveis são vãos? Não se veem todos os dias crianças educadas com os maiores cuidados, que nunca deixaram seus pais e que têm, no entanto, as mais funestas disposições; outras ao contrário, que resistem aos maus exemplos de que são rodeadas? Não é evidente segundo isso que a natureza tem frequentemente a maior

parte neste caso? Aliás, sem discordar da necessidade de se empregar todos os meios próprios a formar a Moral das crianças, é preciso confessar que há muitos defeitos que passam com a idade e que a influência quase infinita, que atribuis às impressões, não tem sempre para o futuro consequências tão funestas como pensais. Tais são os raciocínios que me opuseram algumas vezes; vou tentar respondê-los.

É certo que há defeitos que passam com a idade; não é, porém, uma razão para tolerá-los; pois embora tenham consequências menores, podem conduzir a vícios mais graves dando acesso mais fácil a impressões perigosas. Os vícios se servem mutuamente de base, como as ideias; aqueles que lisonjeiam nossas paixões ou nosso amor-próprio, longe de se perderem, se fortificam com a idade e se eles são menos aparentes, é que a razão aprendeu a arte de ocultá-los e, muitas vezes, de cobri-los com um véu sedutor. Se perscrutássemos todas as ações dos homens, mesmo daqueles que passam no mundo por gente honesta, veríamos quantas vezes eles invocaram em sua ajuda a falsidade, a má fé, a mentira, a hipocrisia; quantas vezes o orgulho e a presunção os dominou, quantas vezes para satisfazer seu amor-próprio ou suas paixões eles foram levados a ações baixas e desprezíveis, e quantas vezes esse mesmo amor-próprio prejudicou seus interesses. É um grande absurdo olhar os defeitos das crianças como de poucas consequências, porque as circunstâncias dentro das quais eles se desenvolvem sejam pouco importantes.

As crianças têm uma esfera de onde não podem sair; porque elas não têm ainda essas relações que a nós proporcionam trabalhos sérios; elas só podem, pois, desenvolvê-los naquilo que nós chamamos de criancices. Mas se entrarmos nessa pequena esfera, veremos que essas criancices são trabalho a seus olhos, e assim, quem se exercita em enganar uma tarefa escolar ou quem consegue assinar um falso boletim de conduta, saberá também mais tarde aplicar isso em coisas sérias. Só depois, na mocidade, quando esses vícios criaram profundas raízes e quando as paixões se desenvolvem com energia, ensinasse-lhes a Moral; pregasse-lhes uma vã Teoria que contraria as inclinações; o mal já está feito e é frequentemente sem remédio.

Há seres, diz-se, em que o vício parece inato. Supondo que esta opinião fosse verdadeira, não seria uma razão para negligenciá-los, como não se deixaria de cuidar de um doente que se acreditasse incurável. Sem dúvida, há disposições que são realmente

inatas; aquelas que se ligam ao temperamento; tais como a vivacidade, a lentidão, a cólera, o sangue-frio, a agilidade ou a profundidade das ideias. Essas disposições se prendem à constituição, nascemos com um temperamento que nos leva à lentidão ou à vivacidade, à reflexão ou à leviandade, como se nasce forte ou fraco, bonito ou feio. Estas diversidades têm frequentemente origem no clima, que exerce sua influência sobre a mãe, antes do nascimento da criança e, através disso, sobre as disposições Físicas e Morais de toda uma nação. Essas diversas naturezas de temperamento, que a Educação pode, no entanto, modificar, tornam a criança mais ou menos propícia a receber ou a conservar esta ou aquela impressão estranha. Como tudo o que cerca a criança, todas as ações de que é testemunha ou objeto, provocam nela uma impressão, desde o dia em que ela vem à luz; está claro que se estas impressões são de natureza a corrompê-la, ela parecerá ter nascido com disposições viciosas.

Tal é a razão que pode ter induzido à crença em vícios inatos. O que pode ainda sustentar ainda esta opinião é que certas crianças, mesmo cercadas constantemente de maus exemplos, tornam-se, entretanto, boas pessoas; isso se deve a que, pela natureza de seu temperamento, elas são menos suscetíveis de receber as impressões do clima Moral em que se encontram, como acontece com aquelas a quem o clima Físico ou as impressões atmosféricas trazem mais ou menos prejuízo à saúde.

Concluo, pois, das observações precedentes, que não nascemos nem virtuosos, nem viciosos; mas mais ou menos dispostos a receber e a conservar as impressões próprias a desenvolver os vícios ou as Virtudes; como não nascemos com esta ou aquela Ciência, mas com uma organização própria a receber facilmente as impressões que pode desenvolvê-la em nós. Sem fazer aqui nenhum julgamento sobre o sistema do Dr. Gala, parece-me que tanto quanto ele não pode pretender que uma criança venha ao mundo com uma Virtude ou um vício adquirido, também não pode racionalmente dizer que ela traga, ao nascer, o conhecimento da música, por exemplo, se bem que nasça com uma organização que a torna mais ou menos suscetível de adquiri-lo facilmente.

Vê-se, pois, que depende de os pais cercar a criança, desde seu nascimento, de impressões salutaras para o seu Espírito e para o seu coração e evitar todas as que podem lhe ser prejudiciais, como se evita deixá-la numa atmosfera ruim. Eis o segredo da verdadeira Educação Moral. O talento nisso consiste, como já disse, em saber perfeitamente apreciar o efeito de todas as impressões sobre as crianças e em saber dirigir as circunstâncias que podem produzi-las. Ninguém, creio eu, poderá negar a verdade deste

ponto, seja qual for sua opinião sobre a causa primeira das qualidades morais. Ora, que se examine o interior das famílias e que se calcule a multidão de lamentáveis impressões que as crianças estão em condições de receber, frequentemente desde o berço, seja por fraqueza materna, seja por maus exemplos e por maus conselhos de domésticos, seja por uma infinidade de circunstâncias; que se examine em seguida a organização da maior parte das Casas de Educação e a quantidade infinita de impressões perniciosas, que resultam ou da própria organização, ou da imperícia, da ignorância, da brutalidade das pessoas que se empregam para colaborar na educação; desta multidão de empregados subalternos que saindo de suas aldeias creem saber educar os homens e fazer deles notáveis cidadãos, porque sabem um pouco de latim; sem contar as frequências perigosas e sobretudo os costumes depravados que são, comumente nessas casas, o resultado da negligência ou da imprevidência e que fazem os estragos mais terríveis. Deve-se, pois, espantar que impressões tão numerosas e tanto tempo sofridas sejam tão profundas? Deve-se espantar de encontrá-las indeléveis, quando foram recebidas junto com a vida? Resultam disso necessariamente hábitos de tal modo enraizados que, por assim dizer, fazem parte da existência e não se pode deixar de se entregar a essas inclinações, tanto quanto um ébrio não pode deixar de beber.

De tudo o que acabamos de observar, resulta que a Educação é uma arte particular, bem distinta de todas as outras e que, por consequência, exige um estudo especial; que não é aliás nem a mais fácil de se estudar e nem a mais fácil de se praticar; ela exige disposições e uma vocação muito particulares; exige qualidades morais que não são dadas a todos os homens, tais como uma paciência e uma sabedoria à toda prova, uma firmeza misturada à doçura, uma grande penetração para sondar os caracteres, um grande império sobre si mesmo, a vontade e a força de domar as próprias paixões, enfim, todas as qualidades que se quer transmitir à juventude. Ela exige ainda um conhecimento profundo do coração humano e da Psicologia Moral, um conhecimento perfeito dos meios mais apropriados a desenvolver nas crianças as faculdades Morais, Físicas e Intelectuais, e um tato especial para aplicá-los a propósito. Esses meios, repito-o, devem ser estudados como se estudam os remédios da medicina.

A Educação, considerada como arte Pedagógica, foi até aqui objeto de especulação de um número muito pequeno de indivíduos que se ocuparam disso por prazer; mas é preciso notar que a maioria daqueles que fizeram pesquisas profundas sobre esta arte, jamais a praticaram. Frequentemente também se entregaram a ideias sistemáticas,

impraticáveis ou nocivas, enquanto que aqueles que a praticam, não a estudam. De mil pessoas dedicadas à Educação, muitas vezes não se encontrará uma só, que tenha lido um quarto das obras sobre o assunto. Aqueles que se destinam à Magistratura não podem ser advogados sem terem estudado as Leis; não confiaríamos a saúde a um indivíduo que se dissesse Médico sem ter estudado Medicina; por que confiamos assim tão levemente os filhos a homens que não sabem o que é Educação? Faço tanto caso de um Educador (como Educador e não como indivíduo) que não estudou sua arte, quanto de um charlatão que ministra drogas, que ele diz aprovadas pela Academia de Medicina. Sei bem que, para a instrução, tem-se o cuidado de escolher Professores hábeis; mas há uma grande diferença entre um Professor e um Educador; o primeiro se limita a ensinar; é suficiente, para cumprir sua função, ser bem instruído e ter um bom Método; mas o segundo é encarregado do desenvolvimento inteiro do homem e a isto se dá menor importância. Se o primeiro é ignorante, ele fará apenas ignorante, o outro fará homens viciosos. Parece-me tão absurdo confiar os filhos a um homem que ignore a arte da Educação quanto seria ridículo confiar sua instrução a um ignorante. Bastará saber traduzir Virgílio e Horácio para educar crianças? Não, nunca seria demais repetir, a Educação não se limita apenas à instrução; aliás, todas as partes da Educação são tão estreitamente ligadas, que não concebo como se pode jamais separá-las.

Pode-se ver, pelo que precede, como nosso sistema de Educação está longe da perfeição, e sobretudo como é incompleto se o entendermos na verdadeira acepção da palavra. Entre as causas que contribuíram para esse atraso, há uma, talvez mais difícil de se destruir que em outras partes, e que se refere, como já disse no começo, a um preconceito geralmente difundido contra tudo o que tem relação com a Educação; diria mesmo que há uma espécie de humilhação ligada à profissão de Educador; despreza-se o que se refere à infância e o nome de escola tem qualquer coisa de baixo e vil no mundo. Aquele que se ocupa de grandes interesses coraria por se imiscuir em algo que ele olha como abaixo dele. A Educação, entretanto, está submetida a princípios e a verdades de ordem bastante elevada; ela toca interesses públicos e privados de muito perto para ser digna, em todos os aspectos, da meditação de Filósofos e Legisladores; muitos nos deram disso um exemplo notável; mas escutai a maior parte desses homens do mundo falar da Educação; eles não encontram expressões suficientemente enérgicas para pintar a sua importância na ordem social. Vede-os em seguida acolher um Educador, mesmo o de seus filhos! Que ar de desprezo! Que arrogância em suas maneiras! Mal se dignam a honrá-lo

com um sorriso protetor; acreditariam se humilhar se lhes testemunhassem alguma consideração. Vós, que vos destinais à Educação, qualquer que seja o motivo que vos move, esperai experimentar todos os desgostos, todas as humilhações, todas as contrariedades e mais frequentemente ainda toda a ingratidão que se possa imaginar. Esperai a recompensa para vossos cuidados mais constantes tão somente na satisfação interior de ser útil. Aqueles mesmos a que tereis prestado os maiores serviços, aqueles cujas crianças ter-vos-ão dado o maior trabalho, são os que vos darão a menor satisfação. Contai raramente com seu reconhecimento e ainda menos com sua justiça. Qual o Educador que não teve de suportar, muitas vezes, a cegueira dos pais em relação aos filhos? Fazem esses progressos? Não se vos leva em consideração; é que eles têm uma inteligência admirável. Eles são tolos? É vossa a culpa. Conseguis, à força de cuidados e paciência, reformar seus caracteres? É que eles são naturalmente encantadores. Eles são viciosos? Vós é que sois a causa. Ai de vós se vos permitirdes encontrar-lhes defeitos perto de certos pais! Eis como se é auxiliado. Apraz-me, porém, reconhecer que nem todos os pais devem ser postos nesta categoria. Achei muitos que me deram toda a satisfação desejável, e se todos fossem assim, a educação seria um prazer; pois, devo dizer francamente, no interesse geral: são os pais, por suas exigências ridículas, por sua pouca razão e por sua ingratidão, que tornam a carreira mais penosa do que todos os defeitos das crianças. Não é nessas notas de generosidade, que satisfarão inteiramente apenas as Almas vis e interesseiras, que se pode perceber o verdadeiro reconhecimento dos pais; pode-se ser generoso com todo o mundo, com um operário, um empregado; mas só se testemunha consideração a quem se estima. Ora, se não dais ao Educador de vossos filhos mostras de estima, é que sem dúvida não o considerais digno disso. Como se dá, pois, que confiais a um homem, que aos vossos olhos não é estimável, o cuidado de inspirar sentimentos nobres a vossos filhos? Fazeis alguma diferença entre as funções de Educador e as de um criado de quarto? Seguramente, direis. Nesse caso, estabelecei-a entre as pessoas que as preenchem; pois, na Educação particular, os Educadores são em geral considerados como primeiros criados e na Educação pública são vistos como sucessores das amas de leite. Pensai que eles vos substituem; que eles exercem junto aos vossos filhos, não funções menores e servis, mas aquelas que deveríeis preencher vós mesmos. A conduta dos pais diante de um Educador influi muito sobre a das crianças; estas medem o respeito que lhes dedicam sobre o que veem se lhes testemunhar; raramente elas se permitirão faltar com o respeito com aqueles que veem cercados de consideração. Pais e

mães que vos dais ao trabalho de me ler, queirais meditar bem no que vos falo neste momento; é mais importante do que podeis imaginar, para o interesse de vossos filhos. O sucesso de sua educação depende do grau de influência que sobre eles exerça a pessoa encarregada de educá-los, e muitas vezes vós a destruíis, em vez de procurar aumentá-la. Testemunhar aos Educadores mais consideração que lhes dais é o melhor meio de interessá-los em vossos filhos e de fazê-los suportar mais pacientemente as dificuldades que eles encontram na sua Educação. Pensai que não há nada mais penoso do que estar encarregado de educar filhos dos outros, e se muitas vezes vós mesmos vos sentis embaraçados com isso, como não deve ser para um estranho? Os aborrecimentos, as contrariedades, os desgostos com que os Educadores são acabrunhados, afastam desta carreira os homens de mérito notável. Resulta disso que a Educação, e sobretudo a primeira, fica por conta de homens medíocres, saídos o mais frequentemente de uma classe muito inferior, onde não puderam receber eles próprios uma Educação social adequada à sua Missão. Pensai que um homem, que tenha autoestima e o sentimento da própria dignidade, raramente se exporá a ser rebaixado aos olhos de seus alunos, pela distância que quereis colocar entre ele e vós. O Educador, dizeis, é vosso representante junto aos vossos filhos. Sim, ele vos substitui; é por isso que deveríeis considerá-lo de alguma forma como um membro da família, como um verdadeiro tutor, encarregado de velar pelos seus maiores interesses. Exigis com razão que ele se apegue a vossos filhos; é, com efeito, seu dever; ele deve vê-los, amá-los como se fossem seus; é então que ele tem sobre eles uma influência, por assim dizer, indeterminada, e que pode realmente obter bons resultados. Mas credes que se possa ordenar esse apego? Credes que vossos filhos não terão maneiras, hábitos que inspiram distância? Credes que seja fácil a um estranho suportar os desagradados, de que vós mesmos vos queixais frequentemente? Credes que um Educador, cujo amor-próprio feris com vossas maneiras e com vossas reflexões humilhantes, que atordoais com exigências sem medida, não possa emburrar com vossos filhos? E quem vos garante que esses não sofrerão? Fazei, pois, por compensar os aborrecimentos desta tarefa penosa, menos, como já disse, por uma generosidade muitas vezes humilhante, mas por estas deferências, por estes obséquios delicados, os únicos capazes de satisfazer completamente todo homem que tenha sentimentos elevados. Mas, dizeis, eu lhe pago por isto; não é o suficiente? Pais! Queixai-vos de que os Educadores façam da Educação um negócio; mas se os considerais como mercenários, é de se espantar que eles deem a mercadoria em troca de vosso dinheiro? Estas reflexões parecerão talvez deslocadas de

minha parte, como parte interessada. Gostaria que outros as tivessem feito antes de mim para me poupar delas; mas tendo a experiência me demonstrado as verdadeiras necessidades da Educação, creio meu dever exprimi-las francamente, e posso atestar que falo aqui apenas no interesse geral, declarando, pelo que me diz respeito, não ter nada a reclamar nesse aspecto. Desejaria, é verdade, ver a profissão de Educador elevada ao nível que me parece dever ocupar na sociedade, porque sinto que isso é necessário ao progresso da Educação, cuja influência sobre a felicidade dos homens seria assegurada; mas acredito ter provado, pela severidade com que encaro as obrigações desta profissão, que não pretendo que os Educadores gozem gratuitamente da consideração que reivindico para eles; quero que inspirem essa estima e, na descrição feita dos respectivos deveres, não creio ter lhes assinalado a carga menos pesada.

Talvez não seja inútil procurar a causa primeira dessa espécie de descrédito em que se encontra a carreira da Educação no mundo. É retornando à fonte de um mal, que se pode mais facilmente achar os meios de remediá-lo. Esse descrédito se deve à ideia falsa que sempre se fez da Educação. Pela convicção de que ela se limita à instrução, exigiu-se dos Educadores apenas aquela que é rigorosamente necessária para a idade de que devem se ocupar; assim, ela fica muito limitada, pois dos Educadores do terceiro grau, por exemplo, exige-se apenas saber ler, escrever e fazer as quatro operações. Concebe-se que não é difícil encontrar pessoas que saibam apenas isto, sobretudo quando não há a preocupação de que elas tenham ou não um bom Método para ensiná-lo. Resultou disso, que uma multidão de pessoas, elas mesmas sem Educação, abraçaram esta carreira unicamente porque lhes dava um meio de vida ou porque as elevava um pouco; saídas geralmente de uma classe muito medíocre, nada conhecendo do mundo, enfatuadas do pequeno mérito que as tinha feito sair de seu círculo original e que lhes dava alguma preponderância sobre as pessoas de sua posição; por outro lado, lisonjeadas com o fato de comandar e de se fazer obedecer, essas pessoas acharam dever aumentar sua consideração com este ar pedante, que as tornou o ridículo da sociedade. Não tendo jamais refletido sobre o objeto da Educação, nem sobre os meios de formar a juventude, não encontraram outros melhores que de lhe imprimir o terror; daí a invenção da palmatória, dos açoites e de todos os instrumentos de dor e de infâmia que, a bem da verdade, são atributos pouco apropriados, para se obter a consideração do mundo. Aquelas que puderam adquirir alguma instrução a mais, entregaram-se a um Ensino Superior; mas para elas, ensinar humanidades é o ápice da glória e seu pedantismo não diminuiu com esse acréscimo de

honra. Por não frequentarem o mundo, elas não puderam se formar nos seus costumes, nem adquirir esses hábitos sociais que deve ter todo homem que nele quer ter uma posição; conservaram, conseqüentemente, o tom e as maneiras que as haviam excluídos; daí a prevenção, que afastou desta carreira os homens de um mérito real e que a poderiam ter aperfeiçoado. Porém, há muitos que se puseram acima dos preconceitos e que deram a medida do grau de consideração que pode pretender um educador, que sabe se tornar digno. Pestalozzi e o Padre Girard de Friburg se ocuparam da primeira infância, dirigiram o que se chama de Escolas, e, no entanto, eles foram cercados, não apenas de consideração, mas de veneração, de verdadeiras honras; diversos soberanos até lhes deram mostras de uma estima pouco comum. O Sr. de Fellenberg, em Hoffwyl, não se considerou desonrado, apesar de sua posição, em se colocar à testa de um estabelecimento de Educação, pelo qual adquiriu merecida reputação. O abade Gaultier também não se ocupou, ele próprio, de crianças e não conquistou o direito ao reconhecimento público? Eis os homens, que são a honra da Educação; infelizmente eles são raros, porque são poucos os que têm o Espírito bastante forte para se colocarem acima dos preconceitos. Depende, pois, dos Educadores, tornarem-se dignos de respeito, pondo-se à altura de suas funções, e da sociedade, não repeli-los. Para o bem geral, há dos dois lados, preconceitos a vencer e deveres a cumprir.

Na Educação pública, a organização das instituições é algo da maior importância. Se ela é viciosa, a Educação será então necessariamente má. Tudo aí deve ser combinado, calculado, de maneira a atender ao objeto a que se propõe. Não é suficiente que o local seja saudável, bem arejado, que tenha um jardim, vastos dormitórios; é preciso uma disposição de detalhes própria a impedir todos os abusos e a evitar às crianças a ocasião de fazer o mal; pois se refletirmos bem em todas as suas faltas, ver-se-á que se pode evitar a maior parte. Eis um ponto muito importante que desenvolverei numa obra completa sobre pedagogia. Não se deve acreditar que seja coisa de pouca monta organizar uma instituição e sobretudo zelar pela manutenção dessa organização. Isso exige da parte do diretor experiência, firmeza, atividade, uma grande presença de Espírito e um estudo particular de tudo o que se relaciona a esta organização. Se a carreira da Educação em geral exige qualidades especiais, essas qualidades devem ser elevadas a um grau bem maior quando se está à testa de uma casa, pois que se deve dirigir e zelar pela moral, pela inteligência e pelo físico de um número às vezes muito considerável de indivíduos de que se tem de apreciar todas as ações e aprofundar o caráter natural; deve-se a cada instante modificar a maneira de agir para apropriá-la às diferentes nuances de caracteres, e deve-se vigiar a si

mesmo com mais severidade ainda do que se vigia os outros; é preciso numa palavra um talento particular, e de tal forma, que um excelente Educador poderá ser um péssimo diretor de Escola. Nenhum motivo de amor-próprio ou de presunção me ditou essas reflexões e estou longe de querer insinuar algo que me seja pessoalmente favorável, em detrimento de quem quer que seja. Fiz, é verdade, um estudo particular da arte da Educação; este estudo me mostrou tudo o que era necessário para cumpri-la e me move a fazer diariamente esforços para adquirir o que me falta.

Se todas as instituições fossem convenientemente organizadas, se todos os diretores tivessem a instrução necessária, não falo da instrução Científica, mas da apropriada a essa função, a Educação não tardaria a melhorar sensivelmente. Os costumes sobretudo, que são aí algumas vezes tão depravados, se purificariam facilmente; porque aprender-se-ia a conhecer os verdadeiros meios de prevenir os vícios, que fazem tantos danos entre os jovens. Os maus costumes são sempre a consequência da má organização e os meios de prevenir-se deles faz parte dos estudos pedagógicos que proponho estabelecer. Esses meios não consistem unicamente na vigilância; pois por minuciosa que seja, há um grande número de circunstâncias em que as crianças podem se subtrair a ela; mas sim na aplicação de certos princípios higiênicos que pedem um estudo particular e que repousam sobre conhecimentos da organização humana. Voltarei logo adiante a esse tema, que merece a atenção mais escrupulosa de todos os homens devotados à Educação, dos pais e do governo.

Há na Educação pública um ponto que, até o presente, fez o desespero de todos os diretores de estabelecimentos; é a dificuldade de encontrar empregados capazes de secundá-los. Frequentemente, um Educador pode ter as melhores ideias, mas ele se acha entravado pela ignorância, má vontade, inexperiência, em suma, pela inépcia daqueles que é obrigado a empregar; dando-se por feliz quando não encontra homens viciosos.

Devo, sem dúvida, fazer justiça aos cuidados da autoridade que obriga os diretores de Escola a lhe enviar todo o mês o estado de seu pessoal e uma nota detalhada sobre as causas de demissão de um Professor; e se essas causas são graves, ele fica interdito; mas não é evidente que um Educador pode fazer pessoas bastante viciosas, que ele pode não ter as qualidades necessárias ao seu estado, sem que seja um bêbado ou um libertino? A autoridade vai interdité-lo por não ter bastante zelo, bastante atenção, uma forma bastante boa de ensinar, por possuir um caráter demasiado mole ou demasiado vivo? Não, ela só pode atingir, pelos meios que emprega, os homens realmente perversos. No entanto,

não há diretor de Escola que não confesse haver enfrentado mais contrariedades com os professores do que com os alunos. Disso resultam trocas contínuas, que causam um prejuízo incalculável aos alunos. Sente-se bem isso, mas a tal se é forçado. Eis aí o maior obstáculo que encontrei desde que estou à testa de uma casa, o que mais entrou minhas ideias, pela dificuldade de encontrar pessoas bastante dotadas de boa vontade, bastante inteligentes, bastante zelosas, para fazer com discernimento o que eu não podia fazer sozinho. Mas, para ser justo com todos, é preciso confessar que todos os diretores de escola não fazem sempre o que seria preciso para se ligarem aos professores; há muitos que os repelem ou por dureza, ou colocando-os numa posição muito falsa em relação aos alunos, ou não respeitando suficientemente o seu amor-próprio, ou enfim por mil humilhações, às quais todo homem que tem o sentimento de sua dignidade é sensível; mas é fato que é tão difícil encontrar bons professores, que frequentemente sente-se repulsa em ter por eles uma consideração que eles não levam em conta e, em geral, eles nada fazem para que lhes possa dedicar amizade.

Pode-se assim concluir de tudo o que precede: 1º que a Educação é uma Ciência bem caracterizada; 2º que se encontramos tão poucas pessoas que a encaram sob seu verdadeiro aspecto, isto se deve à ausência de estudos sobre este objeto; 3º que o atraso da Educação deve ser atribuído ao fato de haver tão poucas pessoas capazes de apreciar seu verdadeiro objetivo, o que ela é, o que ela poderia ser e, por consequência, o que seria preciso fazer para melhorá-la. A Educação está atualmente no estado em que se achava a Química há um século. É uma Ciência que não está ainda constituída e cujas bases são ainda incertas. Pode-se ainda concluir relativamente à Educação Moral em particular: 1º que os hábitos Morais são o resultado das impressões Morais, que determinam os vícios ou as boas qualidades, segundo o indivíduo seja mais ou menos suscetível a elas; 2º que importa assim dar uma boa direção a todas essas impressões; 3º que elas dependem inteiramente dos pais e dos educadores; 4º que é quase sempre sua inexperiência e sua ignorância em matéria de pedagogia que é a causa de todos os vícios, dos quais esforça-se para curar mais tarde a juventude; 5º que não se pode esperar obter um bom sistema de Educação, e por conseguinte, uma boa Educação Moral, se não se tiver uma massa de educadores que compreendam verdadeiramente o objetivo de sua Missão e que tenham as qualidades necessárias para cumpri-la. Em resumo, a Educação é o resultado do conjunto de hábitos adquiridos, esses hábitos são eles próprios o resultado de todas as impressões que os provocaram, e a direção dessas impressões depende unicamente dos pais e dos

educadores. O ponto essencial é, pois, o meio de termos bons educadores. É em torno disso que gira em grande parte toda a questão e é o que vou tentar resolver.

A Educação, dizemos, é uma Ciência particular que deve ser estudada. O meio de se atingir isso pois, seria criar uma Escola Teórica e Prática de Pedagogia, como há Escolas de Direitos e de Medicina. Estudar-se-ia aí tudo o que concerne à arte de formar os homens. Eis em poucas palavras quais seriam esses estudos:

1º Fisiologia Moral do homem desde seu nascimento;

2º Influência do Físico sobre o Moral e reciprocamente;

3º Estudo de todos os tipos de caracteres, como a Medicina estuda os diversos temperamentos;

4º Estudo de diferentes naturezas de impressões e dos efeitos que elas podem ter segundo o caráter ou o temperamento Moral;

5º Estudo aprofundado de todas as qualidades Morais, boas ou más, de todos os defeitos e de todos os vícios e de suas possíveis causas;

6º Estudo dos meios próprios a prevenir ou reprimir cada vício e sua aplicação aos diferentes caracteres;

7º Estudo do Espírito humano, de sua marcha progressiva, dos meios apropriados para dar ideias justas; e enfim, os meios mais adequados para se colocar ao alcance dos diversos graus de inteligência;

8º Estudo e exame crítico de diversos Métodos de ensino e sua aplicação às diferentes Ciências;

9º Estudo da parte higiênica que se aplica à Educação e dos meios adequados para desenvolver o corpo e fortificar a saúde, sem perigo;

10º Seria preciso estudar com o máximo de detalhes as disposições mais vantajosas de uma Casa de Educação; sua organização interior; os meios de se evitar os abusos e as ocasiões de praticar o mal; os meios de aproveitar as vantagens que se podem tirar da reunião de um certo número de indivíduos; os meios de emulação que se podem empregar sem excitar paixões perigosas; enfim as qualidades que devem distinguir um bom diretor de Escola;

11º Seria preciso ainda ler, estudar e comentar todas as obras que foram escritas sobre Educação ou que podem ter qualquer relação com o assunto, tais como as referentes às faculdades Morais, às paixões, aos caracteres, à higiene; como em direito e em medicina se estudam e se comentam as obras e as Doutrinas de diversos Juristas e Médicos;

12º Estudar-se-ia enfim a Educação na suas relações com a Religião, e os meios de combinar essas duas coisas, as mais importantes à felicidade do homem e da sociedade, de maneira que, fundamentadas uma na outra, elas se sirvam mutuamente de apoio .

Vê-se, nessa breve exposição, que vasto campo abraça o estudo da Pedagogia; mas jamais a Teoria foi tão insuficiente numa Ciência, quanto nessa.

Nada mais fácil do que conhecer os princípios da Educação com a inteligência; mas como sua aplicação exige qualidades particulares, acontece todos os dias que aqueles que melhor raciocinam sobre o assunto são muitas vezes os piores Educadores; como se veem aqueles que, sabendo muito bem o Direito, são maus Advogados. Seria, pois, importante fazer com que os jovens, que fossem se dedicar a essa carreira, frequentassem cursos de aplicação, como se faz para a Medicina, e que aí se apreciassem seus talentos.

Formar-se-ia para isso, no mesmo local da Escola Pedagógica, um vasto estabelecimento gratuito, onde os alunos-educadores colocassem em prática as lições que houvessem recebido sobre a arte de educar os homens. Julgar-se-ia então com certeza, não só a sua capacidade para esta arte, como também poderia haver segurança quanto à sua moralidade, ao seu caráter, e assim, confiar esta Missão importante apenas a homens que realmente estejam em condições de cumpri-la. Tracei com o máximo de detalhes o plano orgânico deste estabelecimento, e creio tê-lo feito sobre bases tão econômicas, que ele não sobrecarregaria o governo que o criasse; mas apenas mais tarde farei conhecer este plano.

As vantagens que resultariam de uma instituição desta natureza são, creio eu, bastante evidentes por si mesmas, para serem compreendidas por todo mundo, pois ela forneceria à França inteira homens hábeis na arte da Educação e capazes de prestar, neste sentido, serviços relevantes à pátria. Em alguns anos, a educação faria mais progressos do que fez um século. Seria uma instituição digna de nossa época e de um governo esclarecido, que conquistaria com isso a glória de ter sido o primeiro, de alguma forma, a criar uma nova Ciência, ou que poderia ao menos se gabar de lhe ter proporcionado um desenvolvimento que ela jamais teve, em nenhuma outra época, em nenhum outro povo.

A distinção que estabeleço, entre a função de simples Professor e a de Educador, deixa naturalmente entrever a diferença que existiria entre a antiga Escola Normal e a Escola Pedagógica, que proponho estabelecer. Na primeira, não se procurava senão formar professores hábeis; a segunda abarca um campo muito mais vasto, e os estudos de que depende são, como se viu, infinitamente mais extensos e de fato novos. Ela teria por meta

formar educadores, não somente capazes de ensinar, mais ao mesmo tempo de desenvolver o homem em todos os sentidos. Aprofundar-se-ia aí a arte da Pedagogia em todos os seus detalhes e, pela aplicação imediata que se faria, ficaríamos seguros de confiar a juventude apenas a homens de uma habilidade reconhecida, vantagem enorme, que não se encontra em nenhum outro país. Vê-se assim, que estou longe de aprovar a inteira liberdade que se dá à Educação em certos países. Os resultados da Educação são muito importantes para confiá-la levemente a qualquer um, e creio que nesse ponto, nunca seríamos demais severos; mas é preciso uma severidade sensata que não possa em nada prejudicar os desenvolvimentos de que essa Ciência é capaz. Se quisesse me estender sobre este assunto, seria fácil provar que a severidade usada atualmente está longe de atingir esse objetivo; pois, não somente ela não pode de forma alguma dar as garantias que temos o direito de exigir (o que a experiência prova), mas ela ainda atrapalha. Uma vez que se tivesse reconhecido num indivíduo o caráter e o talento necessários, e nesse aspecto é que se deveria ser extremamente severo, uma vez que esse indivíduo fosse admitido no corpo de educadores, deveria ser deixado livre para agir à vontade; não se deveria mais forçá-lo a seguir um caminho ao invés de outro, como não se obriga os médicos a tratar os doentes segundo esta ou aquela doutrina. A rivalidade que se estabeleceria então entre os homens hábeis levaria logo a arte da Educação ao seu mais alto grau de perfeição.

Creio dever responder a uma objeção que se poderia fazer contra esse estabelecimento gratuito, que serviria de Escola de Aplicação. Muita gente dirá, sem dúvida, que serão crianças sacrificadas em experimentos. A resposta é bem simples: primeiro, os alunos-educadores, não sendo admitidos à prática senão depois de um ano de teoria, não serão de qualquer forma pelo menos tão aptos quanto, ou mais que, essa multidão de gente que se emprega e que de educação só conhece o nome?

De qualquer maneira, essas crianças não poderão ser piores dirigidas do que seriam nas escolas comuns; ao contrário, as próprias experiências que fossem feitas reverteriam em seu benefício, pois tenderiam sempre ao aperfeiçoamento da arte, essa pela qual os educadores comuns não se inquietam nem um pouco. Por outro lado, a Escola Pedagógica, se fosse dirigida por um homem versado nesse ramo, que zelasse ele próprio pela sua aplicação, as experiências não teriam nenhuma espécie de inconveniente.

Todas as partes da Educação, assim como as de todas as Ciências, têm relações tão íntimas, que não podem ficar inteiramente isoladas; se uma delas repousa sobre bases

falsas, as outras se ressentem naturalmente. É esta relação das partes com o todo, que faz o sistema de estudos influir sobre a Moral e sobre o Físico, tal como vou demonstrar.

Todos se queixam dos estudos comuns; acha-se que eles são demasiado longos, demasiado incompletos e que não respondem nem às necessidades do indivíduo, nem às da sociedade. Com efeito, em que se emprega o tempo da Educação? Que sabe um jovem depois de dez anos de estudos? Um pouco de grego e de latim e a fazer algumas redações empoladas, eis tudo. Muitas vezes, ele não sabe nem sua própria língua; pois não é raro encontrar jovens que fizeram retórica e que não sabem escrever uma carta corretamente. Perguntai-lhes o que produz o trovão, a chuva, a neve; por que faz calor no verão e frio no inverno; por que um balão se levanta; por que uma pequena pedra vai para o fundo d'água enquanto um grande navio boia. Fazei-lhes enfim as perguntas mais simples sobre os fenômenos de que são testemunhas todos os dias, mesmo sobre os que se ligam à sua existência, não achareis dois sobre mil em condições de responder. A instrução, em geral, está tão longe de estar em harmonia com as necessidades dos homens, que todos são obrigados a recomeçar novos estudos, conforme a carreira que queiram abraçar. O último operário marceneiro ou pedreiro possui muitas vezes mais ideias positivas e exatas que os nossos primeiros humanistas. Mas, dir-se-á, jamais se pretendeu que os estudos clássicos dispensassem os estudos especiais. São estudos gerais que conduzem a tudo. Sem dúvida, aí está a meta, vejamos se ela é atingida. Para que uma Ciência possa conduzir a tudo, é preciso que ela tenha uma relação imediata com a maior parte das carreiras que se possa percorrer.



ORGANIZAÇÃO ESPÍRITA
para o Ensino e Pesquisa



APRESENTAÇÃO

A **ORGANIZAÇÃO ESPÍRITA PARA O ENSINO E PESQUISA** foi fundada em maio de 2015.

Ensino, Pesquisa e Assistência Social são os focos da empresa.

Atende os setores público e privado.

Entre seus **clientes** estão Pessoas Físicas e Pessoas Jurídicas, como: Instituições de Ensino, Empresários, Comerciantes, Prestadores de Serviço, Consultores, Comunicadores, Prefeituras, Servidores Públicos, Servidores da Segurança e da Justiça, dentre outras.

Os **serviços** abrangem:

- Aulas particulares para Ensino Fundamental e Ensino Médio
- Cursos de qualificação profissional
- Cursos *in company*
- Pesquisas para Estratégias Organizacionais e Mercadológicas
- Palestras

Charles Antonio Kieling é o atual diretor da empresa. Ganhou notoriedade ao desenvolver o mais avançado sistema de prospecção de cenários para analisar e prever oportunidades, riscos e vulnerabilidades. Desde 1989 trabalha na área do Ensino.

QUEM SOMOS

MISSÃO – Produzir conhecimentos de vanguarda, ensinar, esclarecer e pesquisar em benefício do desenvolvimento e respeito à vida.

Empresa privada e sem caráter político-partidário que visa ensinar, pesquisar e esclarecer.

Nosso compromisso é estimular e colaborar na autonomia dos sujeitos com base na Educação, Ciência, Filosofia, Religião e Cultura.

Especializada na produção e análise de conhecimentos estratégicos aplicáveis.

Fundamentada em métodos para o desenvolvimento de Ciência Básica aplicável e inovadora.

Qualificada na produção de conhecimento científico e técnico, em pesquisas estratégicas e em análises e prospecções de cenários relacionados às diversas culturas.

Pautada em:

- Pensamento científico independente;
- Profundo conhecimento do comportamento cultural; e,
- Estabilidade emocional.



OBJETIVOS

Produzir pesquisas, análises, informações e conhecimentos técnicos e científicos;

Formular e aplicar disciplinas e cursos de aprimoramento, capacitação, qualificação e formação continuada;

Assessorar na produção de conhecimento e nos planejamentos técnicos e operacionais;

Coordenar e produzir projetos que captem recursos a fim de dinamizar ações;

Integrar Ensino, Pesquisa e Inovação no aperfeiçoamento de profissionais e de empresas.

Prospectar cenários de integração cultural, de segurança, de mercado e de inteligência.

SERVIÇOS

- **ANÁLISE & CONSULTORIA** para o desenvolvimento das organizações.

- **ASSESSORIA & PESQUISA** para agregar valor intelectual.

- **PALESTRAS & CURSOS** para qualificar o conhecimento técnico e profissional.

Aulas particulares para Ensino Fundamental e Ensino Médio

Objetivo: Auxiliar no aprendizado e para as avaliações escolares, esclarecendo dúvidas e promovendo o entendimento e fixação de conteúdo.

Cursos de qualificação profissional

Objetivo: Desenvolver competências profissionais para o mercado de trabalho, oferecendo formação inicial e continuada.

Cursos *in company*

Objetivo: Desenvolver educação corporativa que atendam às necessidades dos colaboradores e da própria organização.

Pesquisas para Estratégias Organizacionais e Mercadológicas

Objetivo: Desenvolver pesquisas para oportunizar na melhoria do posicionamento estratégico da própria organização.

Palestras

Objetivo: Estimular o pensamento para novos conhecimentos e motivar para a inovação pessoal e profissional.



Currículo Profissional

Charles Antonio Kieling



É Cientista Social atuando como professor universitário e empresário. Possui mestrado em Ciências Sociais pela PUCRS (2004) e graduação em Licenciatura Plena em História pela UCS (1996); é diretor do Ensino Cartese (2021 a atual); lecionou na Faculdade da Serra Gaúcha (2004-2007), na Universidade Feevale (2008-2020) e na Faculdade SENAC (2016-2018); atualmente trabalha na Organização Espírita para o Ensino e Pesquisa; desenvolveu pesquisas no âmbito da Segurança Pública, Legislação Policial-Militar, Prisões, Organizações Públicas, Políticas Públicas, Gestão Pública, Segurança Privada, Empreendedorismo e Riscos Corporativos; estruturou o primeiro mapa da violência e da criminalidade com fundamentação para cenários de inteligência e prevenção da violência e criminalidade; elaborou Projetos Públicos executados em Caxias do Sul, Vacaria, Guaporé e Novo Hamburgo; desenvolveu projetos públicos envolvendo instituições municipais, estaduais e federais, coordenando atividades articuladas entre órgãos públicos e comunidades, e o que deu início no Rio Grande do Sul para equipar as Guardas Municipais com arma não letal. Desenvolveu Projetos Pedagógicos dos cursos de graduação de Segurança Pública e de Gestão Pública, dos cursos de pós-graduação Especialização de Riscos em Segurança Privada, Especialização em Segurança Pública, Especialização em Gestão Pública e MBA em Defesa Civil. Como empresário é sócio-administrador e diretor da Organização Espírita para o Ensino e Pesquisa, ministrando cursos profissionalizantes e palestras sobre Introdução em Ciência Básica em escolas públicas e privadas; desenvolve pesquisas bibliográficas, documentais e de caso, e de mapeamentos de cenários e de riscos corporativos; é editor da Revista Cosmos Espírita (versão eletrônica) e da Revista de Administração – *Administration Advice* (versão eletrônica); é consultor empresarial em estratégias, prospecção de cenários e análise de riscos corporativos. Tem experiência na área de História e Ciências Sociais, com ênfase em História, Organizações e Sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ensino e ciência básica, métodos científicos, culturas, comportamentos, segurança privada, segurança pública, organizações públicas, políticas públicas, negociação empresarial, ética, recursos humanos, direitos humanos, cidadania, inteligência, gestão, estratégia e riscos corporativos; é autor do livro O golpe de 1992 (publicado em 1998) e do livro O manifesto da cidadania (publicado em 2001).





ERH

CONTABILIDADE

www.erhcontabilidade.com.br

elisabete@erhcontabilidade.com.br

(51) 999.292.223

Missão

Consolidar processos contábeis que alavanquem a prosperidade de clientes e colaboradores.